

(RE)INVENTARIANDO POLÍTICAS E POÉTICAS MUSEAIS: PERSPECTIVAS GLOBAIS, EXPERIÊNCIAS LOCAIS

RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES
SABRINA MELO
VINCENZO PADIGLIONE

Ao nos debruçarmos sobre os estudos antropológicos que tratam dos temas dos patrimônios culturais e dos museus (CLIFFORD, 1986; PADIGLIONE, 2012; GONÇALVES, 2007; ROTMAN; CASTELLS, 2007; CHAGAS, 2009; BARROS; ATHIAS; MELO, 2014; MOTTA, 2005), é possível observar que o colecionismo está intrinsecamente ligado à história dos museus no Ocidente. Dominique Poulot (2013), na sua história da museologia, chama atenção de que, na antiguidade, já havia uma série de relatos de lugares semelhantes ao que hoje conhecemos como um museu. Os relatos de Pausânias sobre a Grécia Antiga, por exemplo, trazem referência a um Pórtico¹ na Ágora de Atenas, que servia como um museu aberto, ao ar livre. Mas apesar deste relato, a prática de colecionamento de objetos irá encontrar sua primeira referência histórica no Museu de Alexandria, o qual concentrava as funções de biblioteca, local de ostentação de coleções e centro acadêmico (POULOT, 2013).

Com a queda de Alexandria e a ascensão do cristianismo, os objetos das coleções passaram a ser agregados à Igreja. Durante a Idade Média, a Igreja assume o monopólio das coleções de objetos de arte, mas também dos livros e demais documentos referentes à produção do conhecimento.

No decorrer dos séculos XVI e XVII, com o início das viagens de descobrimento, as coleções de objetos de diferentes culturas passam a ser incorporadas aos gabinetes dos mosteiros, que recebem o nome de Gabinetes de Curiosidades. Mas com a perda do monopólio do conhecimento por parte da Igreja no decorrer do século XVII, os gabinetes de curiosidades começaram a se popularizar entre uma parte da aristocracia e da burguesia da época. Esse período tem como principal característica a promoção de arquivos, bibliotecas e museus, seja para fins de interesses científicos, seja simplesmente pelo fetiche de ostentar suas coleções (PADIGLIONE, 2012). Predominavam nessa mesma época as coleções de história natural, antiguidades, assim como de objetos exóticos advindos com a descoberta dos novos continentes.

Cabe destacar que o Renascimento teve uma grande importância nesse período da história das coleções e dos museus, pois foi com ele que se fundamentaram as bases do pensamento racionalista no Ocidente. Nesse período, a *cultura de curiosidades* começa a ser

¹ Um tipo de templo ou palácio característico da arquitetura Greco-Romana.

paulatinamente substituída pelo *saber científico*, o qual produziu as bases para um conhecimento metucioso, regrado e classificatório, que terminava por proporcionar aos objetos um valor formativo e científico, para a posterior apreciação científica, estética e histórica.

Na segunda metade do século XVIII, muitos museus foram criados em diversos países europeus, onde os objetos de culturas distantes recolhidos por viajantes, missionários e funcionários coloniais eram tratados, ora como obras de arte e de investigação científica, sob uma perspectiva mais pedagógica, ora como objetos exóticos trazidos de lugares e culturas pouco conhecidas pelo Ocidente.

No século XIX os museus já concentravam, por um lado, as funções de conservação e, por outro lado, de instituições voltadas para pesquisas em ciências naturais, história e artes, tornando-se locais de formação de arqueólogos, antropólogos, museólogos, historiadores e, também, naturalistas. Apesar de já haver se definido como lugar de produção de conhecimento para as ciências naturais e sociais que estavam se consolidando, os museus ainda necessitavam de uma base crítica sobre a formação das suas coleções. Em outras palavras, careciam de princípios éticos, teóricos e metodológicos que guiassem a aquisição dos objetos e a forma como eles seriam utilizados por estas instituições.

É apenas no século XX que assistimos o surgimento de um movimento de crítica aos museus e ao arranjo de suas coleções. Contestando o ponto de vista conservador e evolucionista, que partia do princípio de que havia culturas e civilizações num grau mais avançados na escala da evolução. Esse pressuposto, que até então dominava a teoria e as práticas museológicas e museográficas, começa a ser duramente criticado. É quando se percebe uma mudança crítica na forma como os objetos eram tratados nos museus e a distribuição tipológica dos objetos começa a ser substituída por mostras contextualizadas das coleções. Na Europa se desenvolve a ideia de *museu-laboratório*, prezando por um maior rigor nos procedimentos de coleta e classificação de objetos etnográficos, os quais passavam a ser vistos como registros dos modos de vida da diversidade cultural e não mais como objetos de culturas inferiores na escala da evolução. Mas, parafraseando Mário Chagas (2009), é apenas na década de 1960 que as portas da museologia se abrem para uma série de críticas ao caráter imparcial, conservador e inibidor dos museus.

Nesse período, tiveram início várias experiências em diversos locais do mundo, vinculadas a interesses políticos que buscavam novas possibilidades de ações museais. Autores como Kersten e Bonin (2007) citam, por exemplo, que em 1972 foi realizada em Santiago, no Chile, uma mesa-redonda sobre o papel dos museus na América Latina, trazendo como resultados inovadores as noções de *museu ação* (como instrumento dinâmico de mudança social) e de *museu integral* (processo que leva em consideração os problemas sociais das populações diretamente envolvidas com os museus). Outro exemplo de

perspectiva crítica também pode ser observado no Canadá, onde estas experiências foram orientadas por novas perspectivas museológicas que eclodiram em Quebec, em 1984, no Primeiro Ateliê Internacional de Museologia, onde foram confeccionados e divulgados os princípios básicos da *nova museologia*.

Esses eventos foram um marco para o *Movimento Internacional da Nova Museologia* (MINOM), quando os museus começaram a ser utilizados como ferramenta política e de ação social, focando também nas micro-histórias de povos até então colonizados. Segundo Kersten e Bonin (2007, p. 122), este período é marcado por uma grande transformação nas práticas museológicas, em que “a concepção da instituição museu foi alterada; de instrumento de legitimação da expansão colonial, passando a representar alteridades, numa ideia de auto-representação”.

A herança da museologia desse movimento iniciado no século XX foi à proliferação de variados tipos de museus e a constituição de uma *imaginação museal* inovadora, com o intuito de estimular novas práticas culturais desalinhas da simples ideia de acumulação patrimonial, ligadas às memórias e práticas cotidianas de diferentes grupos sociais. Na atualidade, observamos que os museus têm procurado mudar o seu foco de interesses pelas grandes narrativas históricas e expográficas, voltando-se para as narrativas não hegemônicas, valorizando saberes e fazeres tradicionais, tendo como principal objetivo promover outras possibilidades de identificação e representação museal.

Visando refletir sobre este movimento de transformação da prática museográfica, este dossiê apresenta discussões sobre diferentes concepções de museus a partir de uma abordagem interdisciplinar, colocando em relação estudos museográficos, antropológicos, historiográficos e artísticos. O dossiê coloca em diálogo experiências museográficas entre Europa, Estados Unidos da América e a América Latina, especialmente aquelas que se constroem em diferentes partes do Brasil, abordando temas como a renovação dos museus etnográficos e dos museus de arte; as transformações teóricas e estéticas que têm contribuído para a pluralização de significados na construção da autoridade profissional nos museus; as relações entre estéticas hegemônicas e decoloniais na experiência museográfica e curatorial contemporânea. Além disso, este dossiê também apresenta discussões a respeito das múltiplas interpretações sobre diferentes tipologias de museus, e os processos colaborativos entre antropólogos, profissionais de museus e povos tradicionais.

Os artigos que compõem este dossiê foram agrupados em três eixos temáticos. O primeiro eixo aborda o tema da museologia social e das diferentes práticas museais. No segundo eixo, os textos apresentam diferentes formas de curadoria, aquisição, tratamento e exposição de acervos e objetos de coleções. Por fim, o terceiro eixo temático agrupa discussões sobre a museologia colaborativa e os lugares da memória.

O artigo *Povos Nativos da Califórnia no Museu Antropológico Phoebe Hearst*, de João Martinho Braga de Mendonça, abre o primeiro eixo temático, Museologia social e novas práticas museais. Nele, o autor procura refletir, com base em uma pesquisa desenvolvida junto ao Museu Antropológico Phoebe Hearst em 2020, sobre a história da antropologia nos Estados Unidos da América e as transformações das perspectivas museais, especialmente no que tange sua relação com os povos nativos da Califórnia. A partir de análises de algumas coleções e textos do próprio site do museu, o autor argumenta que as contradições e assimetrias inerentes ao trabalho antropológico se tornam potencialmente transformadoras, na medida em que as coleções museais e arquivos contém dimensões reflexivas e sentidos dinâmicos, marcados pelas relações estabelecidas com diferentes gerações das comunidades representadas.

O artigo *Entre passado e futuro: o novo Estatuto Social e o programa de "histórias" do Museu de Arte de São Paulo*, de Yasmin Fabris e Ronaldo de Oliveira Corrêa, lança uma reflexão sobre as transformações na orientação conceitual do Museu de Arte de São Paulo (MASP), entre os anos 2014 e 2016, especificamente a partir das alterações na estrutura de gestão da instituição, a qual acarretou na reformulação do Estatuto Social e da proposição de um programa anual temático que orienta as atividades da instituição. A partir de uma análise documental, os autores propõem articular a documentação com o cronograma expositivo do museu no período selecionado, os autores argumentam, ainda, que as iniciativas encampadas pelo MASP a partir de 2014 estão associadas às discussões teórico-conceituais da museologia social.

Dando continuidade a este tema, o artigo *Costurando a trama entre o território e a museologia social: Ateliê Escola do Museu da Vila, Piauí*, dos autores Naudimar Vieira Moura Menezes, Gabriela Carneiro Reis e Solano de Souza Braga, reflete sobre a relação entre a museologia social e o território no Bairro Vila do Coqueiro da Praia, na cidade de Luís Correia, no Piauí. Por meio de uma série de oficinas de corte e costura, realizadas dentro do projeto de extensão Ateliê Escola, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), foi feita a capacitação de um grupo de mulheres a partir elementos de memórias e da paisagem local. Os autores argumentam que o projeto promoveu um maior protagonismo feminino na geração de renda da comunidade, bem como de melhoria da autoestima social do grupo.

No artigo *Catar e Colecionar: do Lixo à Museália nos Museus do Lixo*, Glória Alejandra Guarnizo Luna aborda as novas perspectivas institucionais do campo dos museus, principalmente a partir da década de 1980. O argumento da autora é de que, a partir de então, os museus passaram a trabalhar com as dimensões material, imaterial, simbólica das memórias e histórias sobre os objetos e os acervos. A autora sustenta, ainda, o argumento de que a ampliação do campo museal e da própria definição de museu, possibilita que novas

tipologias de museus se materializem, permitindo que os Museus do Lixo sejam concebidos como espaços museais e que os objetos descartados como lixo sejam (re)significados como objetos de museu.

Fechando este eixo, o artigo *Museu da Pessoa e sua redenção em tempos globais: diálogo entre Walter Benjamin e o poeta Manoel de Barros*, de Angelina Cortelazzi Bolzam e José Ailton Carlos Lima Correia, propõe um diálogo entre Walter Benjamin e o poeta Manoel de Barros, pelo método do desvio, para refletir sobre a legitimidade formativa do Museu da Pessoa. O argumento chave é de que existe uma confluência epistemológica entre os autores, a qual assinala uma nova perspectiva analítica sobre o Museu da Pessoa: compreendê-lo como espaço de resistência da memória coletiva, que ainda persiste em nos dizer que somos humanos.

O eixo temático Curadorias, acervos e coleções articula questões que atravessam os campos da museologia social em diálogo com a antropologia, com as artes e com a história. Nesse sentido, o artigo *IV Bienal do Sertão: Arte e Curadoria Fora do Eixo*, de Fernanda Lima de Melo, analisa a narrativa curatorial da *IV Bienal do Sertão de Artes Visuais*, realizada em 2019, fora do eixo da arte hegemônica brasileira (Rio de Janeiro/São Paulo). O artigo mobiliza as categorias Sertão e Nordeste como pulsantes e moventes no âmbito curatorial e político e em constante diálogo com as poéticas apresentadas na mostra.

Em *Acervos e Contra-Acervos: Sobre Saqueamentos, Feitiços e Redemoinhos na Arte Contemporânea*, Carolina Fonseca e Laura Castro constroem uma análise crítica das produções de artistas indígenas alocadas em instituições museais do Brasil e Europa. Ao mapear saqueamentos coloniais o artigo elabora uma contraproposta para essa equação ao percorrer a possibilidade de contra-acervos e contra-arquivos da arte.

O artigo de Maicon Fernando Marcante, *O outro na Coleção perseverança*, discute parte da trajetória da Coleção Perseverança, composta por objetos sagrados retirados de forma violenta dos terreiros de candomblé, no episódio conhecido como Quebra de Xangô, ocorrido em Maceió, Alagoas, no ano de 1912.

Já o eixo Museologia colaborativa e lugares de memória agrupa discussões que perpassam pela ambiência urbana, seus processos de ressignificação da memória e por ações coletivas e colaborativas para a criação de novos lugares de memória e espaços museais. Paulo Magalhães e Roberta Mélo, no artigo *Cotidianos e Corpos em versos: Reflexões sobre a experiência da Pandemia de Covid 19 a partir de resultados de uma oficina de literatura de cordel*, trazem uma discussão sobre como as referências culturais podem auxiliar nos processos educativos, procurando refletir como a literatura de cordel pode contribuir na assimilação dos dados e informações referentes à pandemia, decorrente do coronavírus e da COVID-19. O resultado deste trabalho colaborativo foi a produção de um livreto de cordel, produzido em conjunto com os diferentes grupos de pessoas envolvidos na oficina.

O artigo de Paola Luciana Rodrigues Peciar apresenta diálogos com a antropologia urbana e com os lugares de memória a partir de um estudo etnográfico e imagético de uma rua chamada Leganitos, localizada em Madrid, Espanha, que nos últimos anos tem sido um ponto de referência da cultura chinesa na capital espanhola.

Saindo da ambiência urbana, o artigo de Átila Tolentino, Alane Lima e Weverton Rodrigues analisa questões relacionadas à ideia do “comum”, a partir dos trabalhos realizados pelo Memorial da Liga e Lutas Camponesas de Sapé, Paraíba. Neste espaço a agroecologia se une com a educação voltada para os camponeses e transformam-se em práticas contra a hegemonia neoliberal.

Por fim, o artigo de Flávio Ferreira e Nilton Xavier percorre questões apresentadas pela museologia social em diálogo com o processo de construção do museu comunitário quilombola Gideo Véio, localizado na Serra da Gameleira no Rio Grande do Norte e o protagonismo da comunidade na construção deste lugar de memória.

Convidamos os(as) estudiosos(as) de diferentes perspectivas práticas e disciplinares, assim como os demais interessados no tema da museografia contemporânea, para fazerem a leitura dos artigos que compõem este dossiê, fruto do trabalho coletivo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, mas com um interesse em comum: as transformações teóricas, metodológicas e práticas no campo da museografia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nilvânia Amorim; ATHIAS, Renato; MELO, Wilke Torres de. Espaços de memórias e identidade - Três exposições com fotografias do Acervo da coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. **Revista Antropológicas**, v. 23, n. 2, p. 98-132, 2014.

CHAGAS, Mário. **Imaginação Museal: Memória, Museu e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Editora Minc/Ibram, 2009.

CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. //: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **Writing culture: the poetics and politics of ethnography**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1986. p. 598-630.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

KERSTEN, Márcia S. de A.; BONIN, Anamaria A. Para Pensar os museus, ou ‘Quem deve controlar a representação do significado dos outros?’. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3, 2007, p. 117-128.

MOTTA, Antonio. Do exotismo como estética do diverso à experiência de consumo. **Massangana**, Recife, v. 3, p. 2-11, 2005.

PADIGLIONE, Vincenzo. Efeito marco. As mediações do patrimônio e a competência antropológica. Tradução de Dagoberto Bordin, Jeana Santos e Rafael O. Rodrigues. **Ilha – Revista de Antropologia da UFSC** (Florianópolis), v. 14, n. 1, p. 9-16, 2012.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2013.

ROTMAN, Mónica; CASTELLS, Alicia Norma González de. Patrimônio e cultura: processos de politização, mercantilização e construção de identidades. //: LIMA FILHO, Manoel Ferreira; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Cornélia (org). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Editora Nova Letra, 2007. p. 57-79.